

ROGGE

DE

CARRI

o —
dono —
do —
tempo —

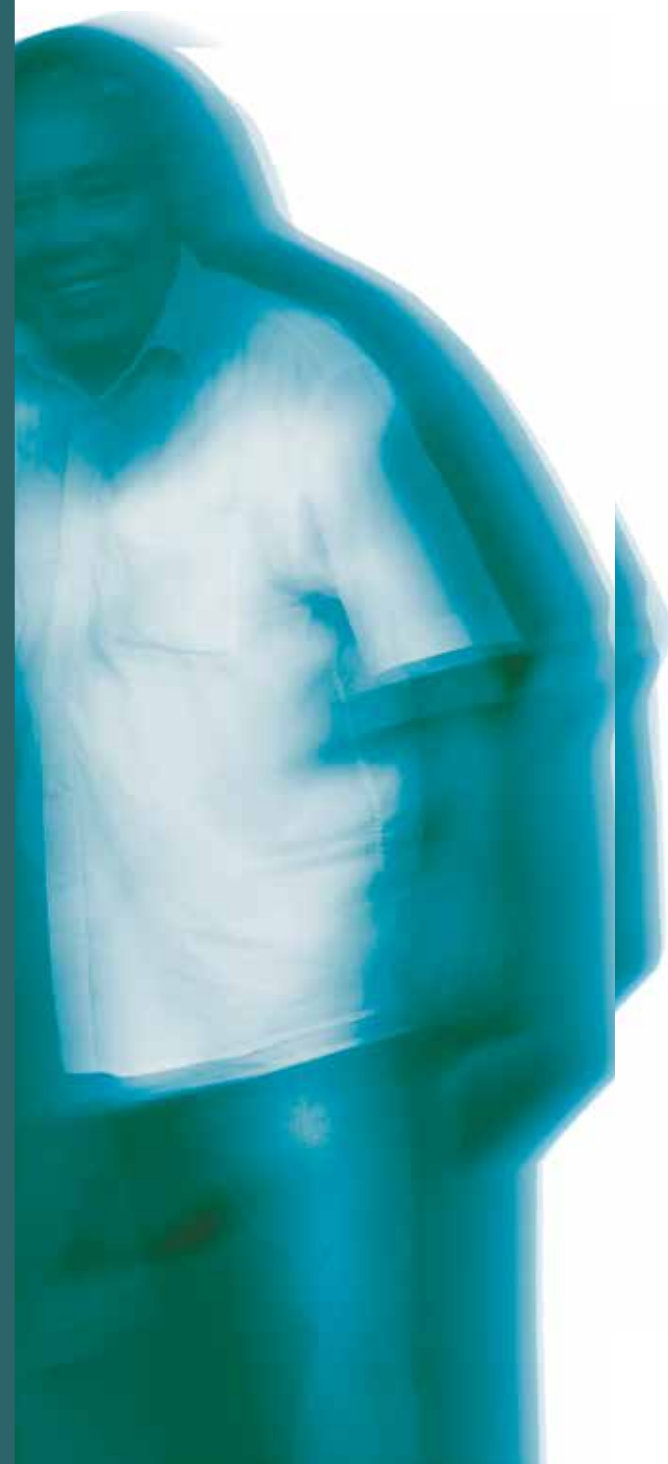
o _____

dono _____

do _____

tempo _____

ROGÉRIO DE CARVALHO



Pre— fá— cio—

Não foi assim há tanto tempo para que pudéssemos ignorar o pioneirismo de Rogério de Carvalho no teatro em Portugal. Foi só em 1967 que um ator negro teve direito a que o seu nome figurasse num programa do Teatro Nacional D. Maria II. Foi o dele, na peça A SENHORA DA BOCA DO LIXO. Foi ainda há menos tempo, em 1982, que um encenador negro pode assinar um espetáculo nesse mesmo teatro, chamado de nacional. Foi Rogério de Carvalho, com A GAIVOTA, uma produção para o Teatro do Mundo, e depois disso, quantos textos de tantos autores, feitos demasiadas vezes, mas as encenações dele a marcarem o tempo, a serem a bússola de um teatro resistentemente à margem, mesmo quando feito a partir do interior das instituições. Se sublinho estes dois exemplos, é para que não esqueçamos que a história deve ser reescrita, e deve ter nomes, e esses nomes são exemplos que

muitas vezes se escolhem apagar, porque estão focados no fazer. Mas ao fazerem, ensinam, constroem, permitem que se pergunte o como e o porquê, e se saiba o muito que se disse que ia mudar e o tanto que ficou por dizer.

Assim é, também, o teatro de Rogério de Carvalho, mais de 50 anos de um percurso que deveria ter sido o de um jogador de futebol, mas se tornou num dos mais fulgurantes analistas da alma humana, ou deveria dizer dos vícios e virtudes que confundem aqueles com quem nos cruzamos, e no palco se revelam realidades fiéis das nossas fugas.

Foi Rogério de Carvalho que nos deu um OS NEGROS com um elenco que traduzia a dor e a dávida da descoberta anunciada por Genet; que nos apresentou Schnitzler e Howard Barker como se dos destroços da Europa ele soubesse como reconstruir a culpa e a

ética. E se as suas revisitações a Molière e Tchékov são leituras persistentes sobre uma verdade que, reconhecidamente, só a ficção do teatro a torna próxima, eliminando geografias e tempos, é porque o modo de encenar, de pensar, de dar a ver no teatro de Rogério de Carvalho, sublinha sempre a necessidade de ouvirmos um texto como se fosse a primeira vez, na primeira casa, antes de tudo desaparecer. O desassombro com que foi percorrendo mais de meio século de encenações, enquanto companhias nasciam e se desfaziam, teatros mudavam de perfil, de missão e de rostos, gerações de atores se transformavam em marcas e imagens pálidas de uma ideia de interpretação, espelha-se nas constantes leituras que foi fazendo dos mesmos textos, como se procurasse mais respostas, ou se divertisse a ganhar tempo com cada palavra, cada ideia, cada gesto. Nunca saberemos, porque se não o vimos chegar, também nunca o veremos ir embora.

A descrição de Rogério de Carvalho é secular, sábia e atenta. Não espera nem

depende de efeitos, de truques ou de regras. Sustenta-se apenas numa ideia: ele em frente a um texto, atravessado pelos atores, num espaço a partilhar por espetadores. Foi assim que conseguiu ir-se desdobrando em companhias a quem ajudou a criar identidades - As Boas Raparigas, o Teatro Griot, o Ensemble,... e isto apenas para referir as que foi manuseando em Portugal, por entre outros tantos projetos institucionais e informais, de companhias, coletivos ou de respostas às quais nunca foi dizendo que não. Teatro e Rogério de Carvalho deveriam ser sinónimos, porque um e outro são disciplina e edifício. E ambos são tão transparentes quanto nublados, esses sim, reflexos do interior do que não queremos revelar.

Que oportunidade rara podermos ser contemporâneos de seres alados como o Rogério de Carvalho.

Nessa busca incessante pela pureza do sentido do texto, o Rogério carregava para os ensaios as palavras de outros em sacos de plástico. Dezenas de livros de filósofos e sociólogos a sustentarem as peças de Barker, biografias de Uriel, documentários que confirmavam as atrocidades que Genet testemunhou em Sabra e Chatila.

Disse Rogério
de Carvalho?
Não, disse Teatro.

Sobre Rogério de Carvalho não saberíamos o que dizer, se nos pedissem para o dizer. Rogério de Carvalho é maior do que todas as palavras juntas. Talvez apenas a palavra Teatro seja do seu tamanho.

A incoerência, o desajuste social, o detalhe, o feitio, a modéstia vaidosa, o rigor, o capricho, a nota musical, confundem-se entre características do homem e das suas encenações.

Rogério de Carvalho devia ser obrigatório. Quando apresentámos o espectáculo “o que é que o pai não te contou da guerra?” no Teatro São Luiz, em Lisboa, em 2016, - repetimos, em 2016 - disseram-nos que era a primeira vez que um espectáculo encenado pelo Rogério de Carvalho seria ali apresentado. É mentira, com certeza. Devia ser proibido viver sem Teatro. Sem Rogério de Carvalho.

Em Canas de Senhorim, Rogério de Carvalho criou as encenações de “Sangue na Guelra”

e do já referido “o que é que o pai não te contou da guerra?”, ambas da Amarelo Silvestre, em 2013 e 2015.

Em Canas de Senhorim, Rogério foi feliz com os figos pingo de mel maduros da figueira d’ As Casas do Visconde e com as mantas em cima das pernas, durante os ensaios, a somar calor ao quente da madeira a arder na salamandra. Esperamos que este último parágrafo seja verdadeiro.

O Rogério de Carvalho não nos apresentou o teatro mas foi o primeiro a mostrar-nos a Arte de o fazer.

Um lugar onde os textos são continentes e os atores são criadores, donos de um espaço habitado pela sonoridade da palavra, onde os silêncios surgem como suspensões orgânicas e onde nos apercebemos que as nossas gavetas repletas de verdades, são na verdade, ilusões.

Nunca foi um trajeto fácil. A cada novo desafio, As Boas Raparigas... enfrentavam a desordem. Até o espetáculo acontecer, caíamos em múltiplos alçapões, deparávamos-nos com portas fechadas, abríamos gavetas que eram inúteis, e quando recomeçávamos, o Rogério assegurava-nos que a ansiedade era necessária, que a incerteza nos tornava mais próximos da palavra, que o medo tinha de ser exaurido e que quando enfrentado, a maior luz em palco seria a nossa.

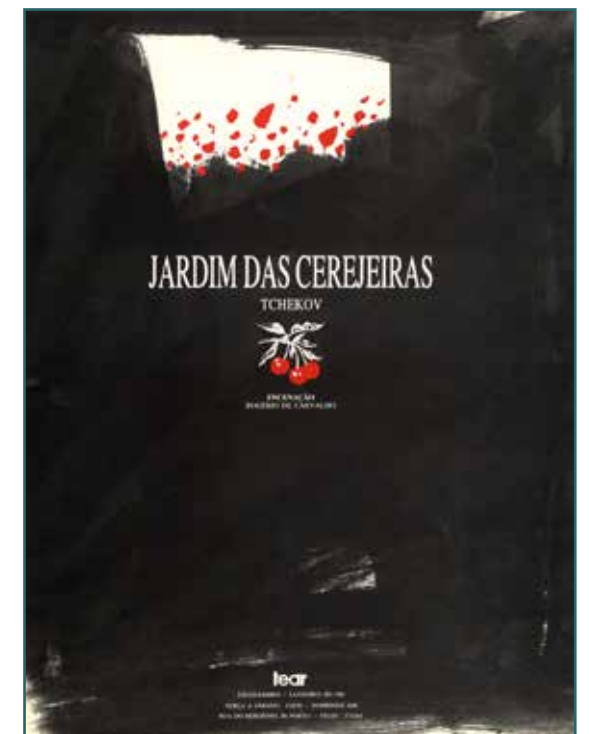
Nessa busca incessante pela pureza do sentido do texto, o Rogério carregava para os ensaios as palavras de outros em sacos

de plástico. Dezenas de livros de filósofos e sociólogos a sustentarem as peças de Barker, biografias de Uriel, documentários que confirmavam as atrocidades que Genet testemunhou em Sabra e Chatila. De vez em quando, lá aparecia um discurso político da atualidade para dar conta da indignação a que estava votada a palavra ou a verdade, múltiplas vezes a teoria da Relatividade explicava tudo o resto.

Horas e horas sem relógio, a recomeçar numa sala escura, a dissecação de cada frase, o reiniciar de cada gesto, de cada voltar de cabeça, de cada olhar ao milímetro.

O Rogério de Carvalho apresentou-nos a Arte de fazer teatro. Éramos nós com ele. Um encenador que queria fazer um texto e através dos atores fazer um espetáculo. Aprendemos ali. Para a experiência de palco e da vida.

Voltaríamos a fazer tudo outra vez, Rogério.



Homenageámos Rogério
de Carvalho durante
o 32.º Festival de Almada,
em Julho de 2015.

O nosso percurso conjunto havia-se iniciado vinte e nove anos antes, quando o Rogério dirigiu no Teatro da Academia Almadense – onde a Companhia de Teatro de Almada esteve instalada antes da inauguração do primeiro Teatro Municipal – «A menina Júlia», de Strindberg. De então para cá – até à estreia de «Music-Hall», de Jean-Luc Lagarce, no ano passado –, Rogério de Carvalho encenou na nossa Companhia quase duas dezenas de espectáculos, abordando épocas, correntes e autores tão distintos quanto a antiguidade de Eurípides, o classicismo de Racine e Molière, o romantismo de Garrett, o simbolismo de Strindberg, e o realismo de Tchecov e seus sucedâneos modernos, até à contemporaneidade: Eugene O'Neill, Harold Pinter, Rainer Werner Fassbinder.

No artigo escrito a propósito dessa homenagem no âmbito do Festival, Maria

João Brilhante atribuiu ao Rogério o epíteto de “nómada fiel”, aludindo ao seu método de ‘eterno retorno’ ao estrito conjunto de companhias de teatro com quem tem construído a sua carreira. Temos o privilégio de ser uma delas. Conosco, o Rogério foi renovando ao longo de quase quatro décadas a colaboração com artistas que se tornaram cúmplices do seu universo criativo: falo do cenógrafo José Manuel Castanheira, da actriz Teresa Gafeira e, mais recentemente, do actor Cláudio da Silva. Quem me relata a experiência única dos ensaios com ele, fala-me de um mergulho num sistema sem par, no qual o escopo consiste em perscrutar o âmago da cisão que se dá entre o intérprete e as palavras que diz no palco. Os seus ensaios constituem verdadeiros laboratórios de estudo do teatro, do humano. Bem-afortunados os que se têm cruzado com ele.

Minha visão do Rogério de Carvalho

1. Um sábio que sabe que a sua sabedoria para nada serve sem a humildade de a por constantemente em prática e em questão;
2. Um filósofo e matemático que usa essas valências para nos comunicar profundidade e rigor;
3. Um mestre teatral que conjuga imagens e sons num todo de grande harmonia;
4. Um gestor de personalidades diversas, maximizando o potencial de cada um;
5. Um mago que nos encanta com a simplicidade das suas mágicas;
6. Um génio de cena!



José Mena Abrantes
diretor do grupo Elinga-Teatro (Angola)

O teatro existe porque viaja
na paixão e desassombro
de quem o partilha.

O Rogério veio para Portugal com o sonho de jogar futebol e, felizmente para todos nós, a sua paixão pelo teatro desviou-o para cinquenta anos de carreira brilhante de encenador e formador, que marcou de forma definitiva as pessoas que, como nós, tiveram o privilégio de comungar com ele o espaço e tempo em muitos momentos dessa vida tão especial.

Muito cedo no percurso do Ensemble - convidámo-lo para dirigir o Cais Oeste, de Koltès - confirmámos na sua direção um olhar sobre o teatro e o espetáculo e uma peculiar forma de fazer que nos tocou profundamente. O seu trabalho focou-se sempre na importância da formação/evolução dos atores e na prioridade dos textos. A noção de “escavar as camadas de um texto” é uma das suas mais produtivas metáforas, aliada à construção de uma linguagem que pertence ao corpo e aos impulsos do ator, sempre com o intuito de dar ao público

uma impressão de vida e organicidade. Da mesma forma, o seu gosto pelo encontro de diferentes gerações de atores e os desassossegos

e sinergias benéficas que daí resultam, ficou como um engrama na direção artística do Ensemble. Ele fez instalar na profissão dezenas de jovens.

Espectáculos como O Avarento ou O Doente Imaginário, de Molière - que perduram na memória de todos - são alguns dos belos exemplos da cumplicidade que nos aproximou e se mantém no tempo, para nosso contentamento.

A gratidão será eterna, tu sabes Rogério!

Serão sempre insuficientes
os nossos agradecimentos!

Pela espessura de todos os mundos cénicos que descobrimos; pela importância de todas as palavras, audíveis ou indizíveis, que percebemos; pela sedução de todos os limites dos corpos e das vozes que encontramos; pelo vibrante apelo estético que nos é oferecido.

Agradecemos a seriedade e o rigor com que todos os projetos são assumidos. Agradecemos, ainda, a inquietude, mas também o conforto, que nos percorre quando, casual ou insistentemente, nos encontramos com o Teatro. Com este Teatro. Agradecemos a afabilidade pessoal. Agradecemos, igualmente, a generosidade da partilha, nos bastidores e nas salas de aula, com trabalhadores, amadores e estudantes. Os verdadeiros mestres são raros, e o Rogério é um dos mais preciosos. Enfim, dizer que uma vida dedicada aos palcos... é obra! E a obra do Rogério de Carvalho é imensa.

Obrigado!

O Teatro Nacional D. Maria II celebra a carreira e a pessoa de Rogério de Carvalho, um profissional dos palcos com um percurso marcante nesta instituição e no teatro português.

A sua primeira passagem pelo D. Maria II deu-se nos anos 60, nos espetáculos Senhora na Boca do Lixo e O Príncipe Constante (1966-67), nos quais integrou o elenco.

Nos anos 80, Rogério regressou ao D. Maria II, enquanto encenador, demonstrando já a sua apetência para se debruçar sobre as narrativas da antiguidade clássica e os textos fundacionais da dramaturgia europeia. Foi encenador de Tchékhov, no espetáculo A Gaivota (1981-82), assistente de encenação em Anno IV D.C., e encenador e criador da banda-sonora de Crisótemis (ambos em 1982-83).

Em 2001-02, trouxe aos palcos do D. Maria II a peça Uriel Acosta, uma das criações que levou a que lhe fosse atribuído o Prémio Almada, pelo Instituto Português

das Artes do Espectáculo/Ministério da Cultura, na área do Teatro. Na temporada seguinte, encenou O Caminho Solitário, de Arthur Schnitzler.

Em 2012, voltou ao Teatro Nacional D. Maria II para uma dose dupla de Molière: O Doente Imaginário, que lhe valeu o Grande Prémio da Crítica de Teatro; e O Avarento, em 2014-15.

O D. Maria II presta a sua homenagem a Rogério de Carvalho, sublinhando a qualidade comprovada do seu trabalho enquanto encenador ao longo de mais de meio século; a sua dedicação à arte teatral, não só nos palcos – onde defendeu o património dramaturgico mundial e diversos mestres da palavra de diversas épocas –, mas também na transmissão de conhecimentos, na qualidade de professor; e a variedade do seu percurso, tendo trabalhado com diversas companhias e profissionais de relevo.

Rogério de
Carvalho viveu
o colonialismo
e as suas
metamorfozes
e o pós-
colonialismo
e as suas
ambiguidades
e omissões.

Oh! Um texto para o Rogério?

Ao Rogério de Carvalho:

Oh! Um texto para o Rogério? Ai de mim! Não tenho palavras certas para o Rogério! Só um obrigada, obrigada e obrigada. Fui uma privilegiada em ter tido o Rogério como encenador! E que privilégio! Obrigada sempre!

Que maravilhoso! Vivi todos os ensaios com muito amor, muito suor e muitas lágrimas! No meu coração vive sempre a sua paixão e dedicação ao teatro no todo, mas também em particular às palavras, aos textos, aos atores, ao palco, ao estado do corpo e da voz em cena, aos conceitos, ao respeito pelos outros, à contracena, ao público! O Rogério é tão exigente como maravilhoso! Exige sempre muito dos atores! Mas esta exigência tem o propósito de colocar os atores no topo, fazer deles melhores e melhores! Os mais perfeitos!

Não desisti do teatro mas deixei o trabalho de atriz há 5 anos e neste momento sou funcionária pública! Mas voltava no mesmo segundo ao teatro e a trabalhar com o Rogério. Aprende-se muito e sempre!

Obrigada Rogério, muito obrigada. Não tenho as palavras certas, só um agradecimento profundo! Viva o Teatro!

Ao querido
Rogério

Há quem sirva o que o transcende e há quem se sirva do mesmo para fins pessoais... Rogério de Carvalho dedicou a sua vida profissional, o seu conhecimento do mundo e do humano, ao serviço do Teatro... uma dádiva para todos nós que tivemos o privilégio de o conhecer e de usufruir do seu trabalho criativo. O que se pode querer mais...?

António Caldeira Pires
aka Calpi

30

31

©Estelle Valente, EGEAC - Teatro São Luiz



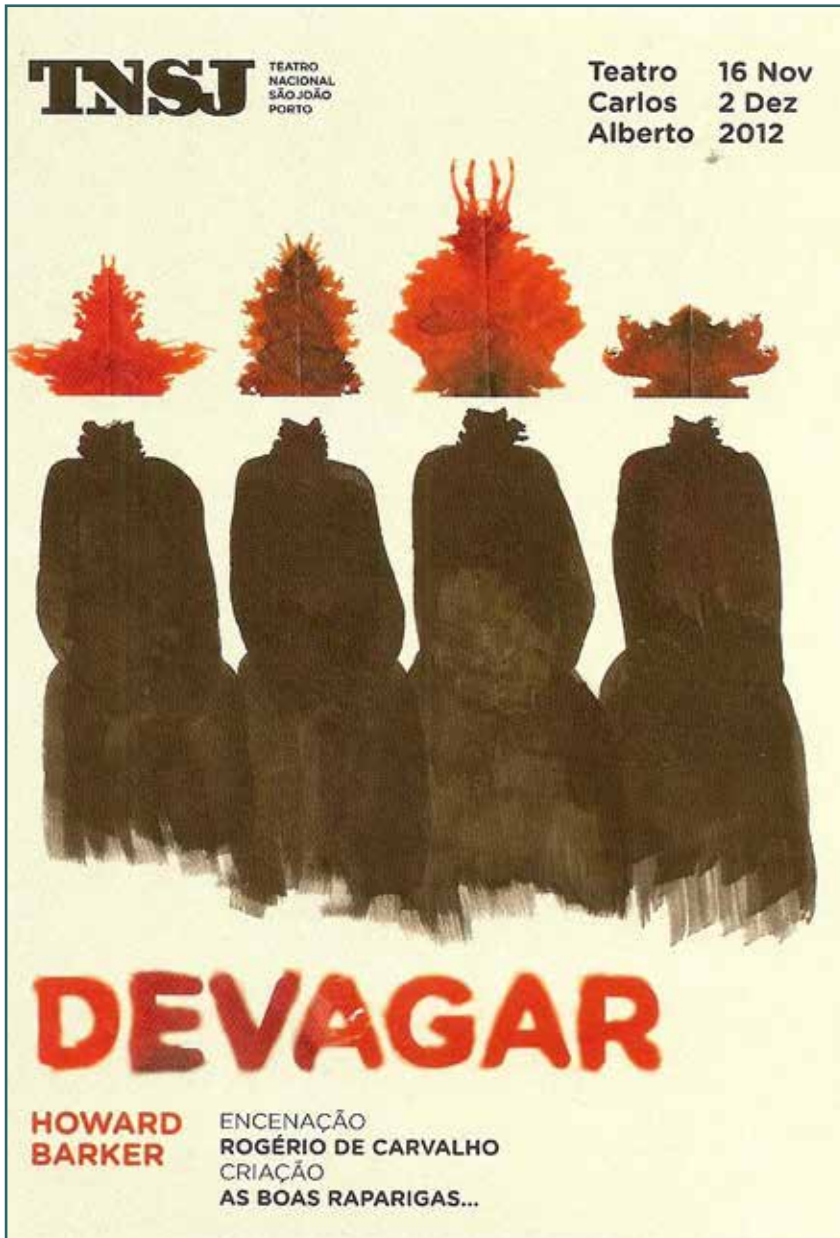
O Rogério de Carvalho
é um homem bom e é um
sábio do teatro.

Ao longo de tantos anos de amizade e de admiração - da minha parte - nunca o vi exaltar-se, nunca o ouvi ser autoritário, mas sim, persistente no que acredita, seja a vida, seja o teatro, seja a partilha. A sua voz, ora é um sussurro, ora é doce, sem nunca deixar de ser determinada, clara no que afirma, generosa na dedicação para quem o ouve.

O Rogério sabe, melhor do que qualquer um de nós, que a voz é a última dimensão física que nos liga a vida. Não por acaso, é tão rico o reportório teatral sobre a voz. E quão importante ela é nas obras que o Rogério de Carvalho cria.

É pela palavra que contagia o seu saber e a sua arte, e é com um sorriso discreto que expressa a alegria de uma obra conseguida com os seus actores. Já repararam no sorriso do Rogério quando fala de teatro?!

O Rogério é um dos grandes, dos maiores encenadores europeus dos últimos cinquenta anos. Somos uns privilegiados todos aqueles que com ele trabalharam, criaram, conversaram, aprenderam. E muito gratos seremos todos nós que com ele cultivámos uma amizade permanente.



O meu primeiro contacto com o trabalho do Rogério de Carvalho surge logo no início da minha carreira de ator.

O meu primeiro contacto com o trabalho do Rogério de Carvalho surge logo no início da minha carreira de ator. Já estava no Teatro Nacional de D. Maria II e o espetáculo de que se falava, fora dos circuitos mais ou menos institucionais, era O Tio Vânia, encenado pelo Rogério de Carvalho e produzido pelo Teatro na Caixa. Ainda a tentar perceber como funcionava o meio teatral, o espetáculo marcou-me pela novidade estética, pela direção de atores e por uma aura muito própria que não era frequente nos Tchekov da época, pelo menos em Portugal. Surgiu daí o meu fascínio pelo autor russo, que me acompanhou durante largos anos, mas do qual só viria a fazer As Três Irmãs, em 2021, no Teatro Nacional de S. João. Talvez o facto de ter visto todos os Tchekov que o Rogério entretanto ia fazendo, tenha saciado o meu desejo de levar à cena uma das suas peças.

36

37

Alguns anos depois de A Gaivota, em 1982, por indicação da Fernanda Lapa fui assistente do Rogério em Crisótemis, de Yannis Ritsos, levada à cena no TNDMII. Foi uma experiência inesquecível, não só pelo facto de ser o meu primeiro trabalho como assistente de encenação, mas também pelo grupo que fomos construindo e que, talvez, o facto de termos ensaiado na Trafaria, numa espécie de retiro voluntário, tenha feito com que perdurasse durante muitos anos. Além do Rogério e da Fernanda, recordo dessa “aventura” o Carlos Porto e o José Manuel Castanheira. Talvez tenha saído deste trabalho o meu desejo de vir a encenar. Por isso este projeto foi tão marcante para mim. Orgulho-me do que aprendi enquanto assistente de encenação, não só com o Rogério, mas também com o Ricardo Pais, com o João Perry, com o Jean-Marie Villégier e com o Jorge Lavelli. Foi com estes encenadores que fui aprendendo o que dizem que não se aprende: a encenar. Bem mais tarde, já no final dos anos 90, enquanto exerci funções no Ministério

da Cultura | IPAE, recordo a ligação do Rogério às Boas Raparigas e a solidez e consistência que emprestava ao projeto. Continuei a ver os seus espetáculos (os vários que fez para o Ensemble marcaram-me sobremaneira) e, mal sabia eu que também o meu destino se cruzaria, indelevelmente, com esta companhia do Porto.

Os espetáculos do Rogério sempre foram, para mim, uma garantia de qualidade. Quando vi *O Avarento* (2009) confidenciei à Emília Silvestre e ao Jorge Pinto que bem gostaria de ter “assinado” aquele espetáculo. Na altura pareceu-me tudo tão perfeito que não encontrei melhor forma de demonstrar o meu agrado. Hoje, ao escrever este texto, têm-me vindo à memória os espetáculos e os momentos que passei com o Rogério: no Porto, em Almada, no Nacional e, foram todos bons momentos. Talvez o “retiro” da Trafaria tenha conjugado a admiração com a amizade. Muitas das minhas boas memórias do teatro existem por causa do Rogério. Grande parte do meu trabalho como encenador também.

O meu amigo Rogério
é um mestre.

O meu amigo Rogério tem um extraordinário sentido de humor e uma elevadíssima curiosidade pelo mundo das ideias e do conhecimento que transmite e partilha com generosidade.

Este meu amigo inspira-me confiança para procurar, viver e mergulhar nos mundos que constituem o mundo.

O meu amigo gosta dos prazeres que a vida e a arte podem dar.

O meu amigo convive e tem a felicidade e a coragem de encontrar a liberdade para criar lugares de comunicação, entre ele e ele e com outros.

O meu amigo Rogério descobre, cria e sabe alimentar redes humanas de ideias e de inspiração, de transmissão e de encontro.

O meu amigo não é quadrado. Longe disso.

O meu amigo Rogério constrói pontes e é exigente nessa construção, nos materiais que usa e na qualidade e no gosto que essas pontes exigem para existir.

Gosto de pensar que sou da família do meu amigo Rogério. Gosto de saber que preciso dele e ele de todos nós.

O Rogério é daqueles encenadores que marca para sempre quem com ele teve o privilégio de trabalhar.

Como para o Rogério Teatro é sinónimo de vida, a sua vida tem sido o Teatro. Com uma fome voraz de experimentar e de fazer, tocou gerações e gerações de atores para os quais o Rogério é um mestre. Quem com ele trabalhou nunca mais ocupará o espaço cénico de forma banal ou displicente, terá sempre em conta as diagonais do palco, os “mergulhos” que criam aquela relação particular com o público, verá o texto como uma partitura, as palavras terão um espaço próprio por vezes desassociadas do corpo, que frequentemente entra em contradição com o discurso verbal, aceitará a fragmentação e repetição do texto como coisa normal, terá um enorme respeito pelo trabalho de luz e saberá colocar-se milimetricamente de forma a entrar no “plano”. Criou um vocabulário próprio que lhe sobreviverá porque somos muitos os que ele tocou. Quando estou na plateia sei sempre quem no palco foi seu discípulo, mesmo que de

forma inconsciente transportamos no nosso corpo o seu ADN artístico. É feliz quando está a criar e o seu sorriso é puro como o de uma criança a descobrir um novo jogo. Impossível resistir-lhe!

42

43

Elsa Valentim
actriz

FEDRA

R A C I N E

ENC. DE ROGÉRIO DE CARVALHO

TEATRO
MUNICIPAL
DE ALMADA

2006



teatro maizum

apresenta

“PREPARADISE, SORRY, NOW”
o paraíso não está à vista

de
rainer w. fassbinder



CENAÇÃO: Rogério de Carvalho CENOGRAFIA: José Castanheira
PRODUÇÃO: Anabela Mendes e Leonor Sá FIGURINOS: Joana Rosa
ASSIST. DRAMÁT.: Carlos Melo INTERPRETAÇÃO: Ávila Costa,
Paula Vasconcelos, Helena Serrão, José Lopes e Silvíia Pereira

Para ROGÉRIO DE CARVALHO

Conheci Rogério de Carvalho no Gitt/Trafaria (1974) fazendo a cenografia para Povoação Vende-se de Lizarraga e logo de seguida As três Irmãs de Tchekhov. Juntos fizemos até hoje mais de meia centena de criações teatrais. Um trabalho tão regular e intenso que se foi tornando em muitos aspectos num diálogo comum.

Não me é fácil escrever, em breves linhas, sobre a dimensão deste grande encenador. Num esforço de síntese, talvez tudo se possa resumir na construção de um enorme laboratório de palavras e suas imagens ou num incessante labor arqueológico sobre a verdade e a mentira do personagem/actor. Um trabalho que emerge naturalmente a partir da própria experiência de vida e onde através da leitura das suas propostas (visões, espectáculos,...) irrompe uma gramática própria plena de referências sobre as inquietações dominantes da condição humana. Um trabalho exigente que, por ser laboratorial, é permanente

e necessita, sem concessões, de tempo, espaço, disponibilidade e paixão.

Ao longo de quase 50 anos vivi esta luta de RC, quantas vezes incompreendida, verdadeira epopeia de um encenador que imprimiu sempre aos seus dias uma dualidade indissociável, quase uma obsessão - estudar, estudar, experimentar, experimentar.

Para Rogério de Carvalho o teatro é um microcosmos feito de actores, palavras, espaço, luz, algures num tempo sem definição, e encerrados numa espécie de relojoaria artesanal à procura das possibilidades. O fenómeno teatral, não sendo uma ciência exacta, é um lugar de investigação obsessiva onde a dúvida estará sempre presente. Para muitos que tiveram a sorte de trabalhar com RC talvez a maior dimensão da sua obra seja a pedagogia do actor. Um rigor que ele exigiu sempre a todos e que, manifestamente, parece emergir das dificuldades de uma qualquer autópsia (tornada depois representação) do gesto humano.

No que me diz respeito, trabalhando com RC para tantas e tão diferentes criações cenográficas, relevante terá sido sobretudo a aprendizagem como permanente estímulo sobre novos caminhos da convenção teatral.

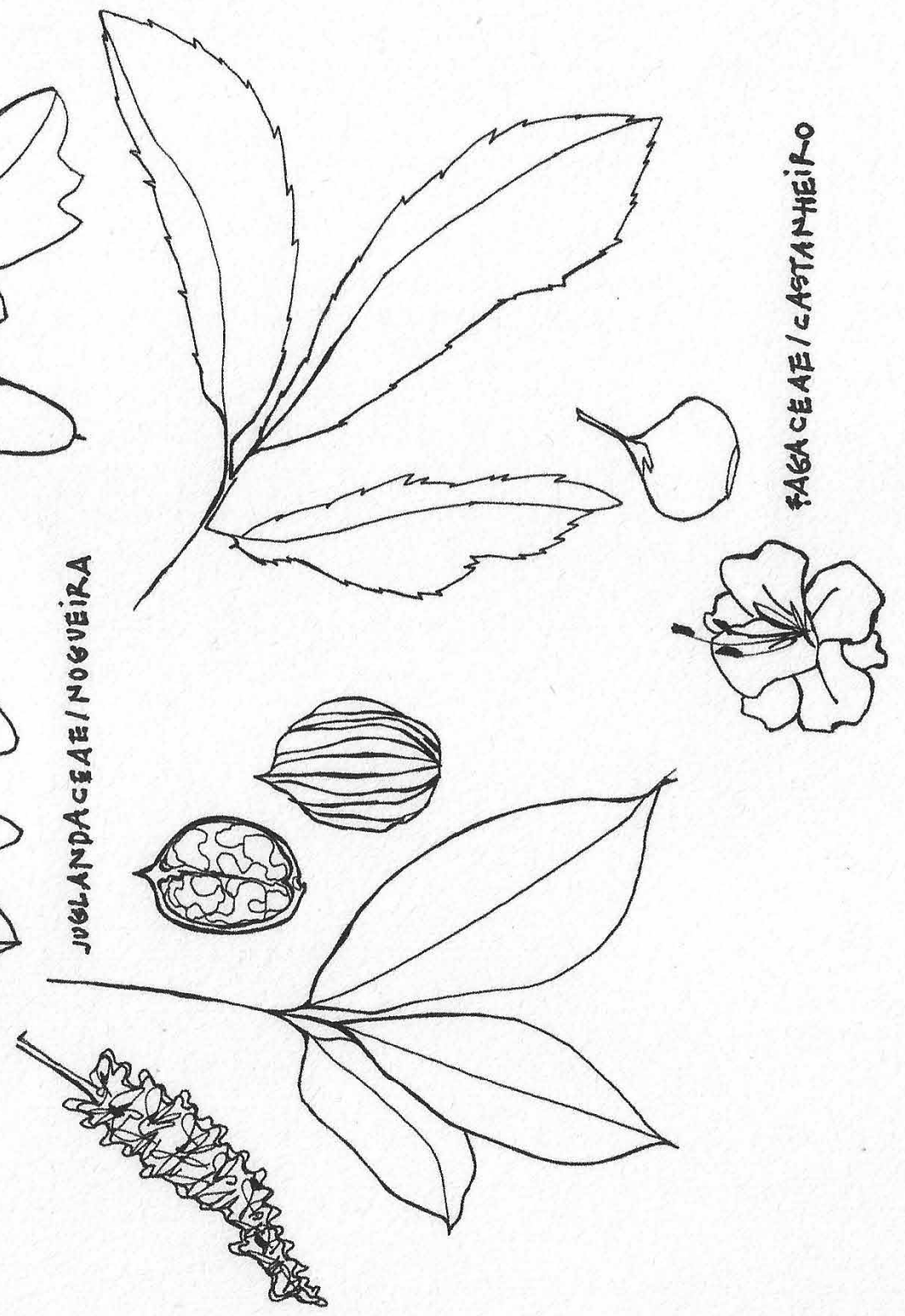
José Manuel Castanheira
arquitecto, cenógrafo

48





QUERCUS / CARVALHO



JUGLANS / NOGUEIRA

FAGACEAE / CASTANHEIRO

Um testemunho em quatro pontos

Rogério de Carvalho viveu o colonialismo e as suas metamorfoses e o pós-colonialismo e as suas ambiguidades e omissões.

1. Os livros, as palavras nesse tempo de formação sob o antigo regime informam a escolha feita pela razão e pelo coração: alimentar o seu mundo com mais mundo imaginado. A escola onde ensinava economia trouxe o exercício de leitura de palavras proibidas com os corpos e as mentes jovens dos seus alunos.

2. As margens como lugar de liberdade, zonas menos vigiadas onde era possível uma ação coletiva e na sombra? A Lisnave junto dos operários e mais tarde os grupos universitários cuja relevância para o teatro e sua respiração conhecemos. Não estar como actor de pele negra sob as luzes dos projectores. Habitar as margens para poder definir uma ideia de teatro - "a acção concentrada na fala".

3. Nos anos 80, um prémio pela encenação de Tio Vânia no Teatro da Caixa, o palacete desabitado da Caixa Geral de Depósitos bem diferente da pomposa Culturgest de hoje. Foi uma epifania, para mim, pelo menos.

4. Visitar os clássicos e contemporâneos para descobrir como dizer em cena, com a ajuda dos atores, o que neles (ambos) o fascina num trabalho de desconstrução. Textos cujo ritmo e sonoridade transportam a dimensão poética da própria proferição. No seu teatro do ouvir, ele faz com que a presença irrompa pela força das palavras. Em que é que a sua prática mudou a cultura de que se apropriou quando jovem? Não sei dizer. Mas como afirmou numa entrevista: "quando estou a encenar é toda a minha vida que está em jogo: leituras, o passado."

O Rogério de Carvalho é,
para mim, uma referência,
uma inspiração e um amigo.

O trabalho de cena do Rogério é uma das razões pelas quais estou aqui, neste tempo presente, teatral, com ele. O orgulho que aprendi a ter, ao fazer parte desta profissão em Portugal, deve-se também ao assistir às suas encenações, ao ouvir as suas palavras, ao ler as entrevistas que dá. Numa breve passagem como seu assistente de encenação, num exercício final de alunos da ESTC (Escola Superior de Teatro e Cinema), aprendi talvez mais (e destruí outro tanto de preconceitos que tinha) sobre o Teatro, do que em muita da minha formação curricular. Com o Rogério aprendo a ver de novo Tchekov, Genet, Barker, Molière ou Cocteau. Com o Rogério faço mil perguntas como espectador. Com o Rogério abeirei-me de uma gravidade que não sei o nome, passaporte necessário para perceber este Mistério da Cena. Com o Rogério tenho saudades de beber uns “piratas” nos Restauradores.

52

53

O Rogério de Carvalho é, para mim, uma
referência, uma inspiração e um amigo.

Miguel Loureiro
encenador e ator

O Rogério de Carvalho
faz-me pensar e saltar
de um muro de cinco metros.

Isso basta, para pensar na importância que teve para mim conhecê-lo. Os ensaios sem horários à procura do sentido, mesmo que desconhecido, do texto. De uma vida desconhecida. Que se repete sem limite. Repetir sem limite. Sem dúvida um lugar maravilhoso para se estar. O Rogério fez-me ser um ator que eu desconhecia e sabia que não podia ser. Agradeço-lhe. Descobri o Rogério tão tarde. Mas um caminho faz-se de curvas difíceis de contornar. Por vezes não conseguimos ver o óbvio. Tudo o que disser será importante porque é impossível de definir toda a sua dimensão intelectual. É um filósofo. Transgride. Toda a admiração que tenho será sempre pouca. Admiro-o com amor e consideração. Falo muito do Rogério e do seu método. Tentando que me seja familiar e que um dia possa ter a capacidade de entender o infinito.

Obrigado Rogério.

Nem todas as
vozes se ouvem,
mesmo as mais
angustiantes
e desesperadas
podem ser vozes
não ouvidas.
Pode ser que no
silêncio apareça
uma outra voz
mais premente, a
voz interna, uma
voz que não se
pode fazer calar.

Falar de Rogério de Carvalho

A cumplicidade, a vivência, o aprendizado,
comprometem-me, pois ficarão (com certeza)
adjectivos para o qualificar e agradecer.
Professor, encenador, companheiro AMIGO.
AGRADECIDO, ROGÉRIO DE CARVALHO
THE SHOW MUST GO ONE, MESTRE



A minha relação com o encenador Rogério de Carvalho é de grande admiração e respeito.

Trabalhar em conjunto nem sempre era fácil, mas foi muito importante para o meu desenvolvimento enquanto ator. Com ele aprendi a importância de escutar cada sílaba, cada palavra, cada frase e a sua forma de trabalhar os textos, transformá-los em ópera. As palavras com que dirige um ator, quando este está a dizer um texto, assemelham-se a camara de eco e todas as partituras que ele utiliza no seu método de trabalho são dignas de uma escola Rogeriana. Quando está a encenar, ele procura as palavras que reproduzam milimetricamente o sentido de tudo o que é dito. Ele diz que as palavras são música e que o silêncio tem uma tensão.

Não o vou chamar de mestre porque ele não gosta...Aliás, odeia! Mas posso afirmar que o Rogério de Carvalho é um encenador único! Posso partilhar que o Rogério é a sabedoria em pessoa, uma enciclopédia.

Posso dizer que é um encenador que faz viagens espaciais em que é o dono do tempo! O Rogério de Carvalho é Teatro! É filme. E, para mim, é também um grande professor. Diz que o teatro não é para todos mas com todos ele se diverte e convive, mesmo após de 6 ou 8 horas de trabalho.

Em conclusão, resta-me dizer que Rogério de Carvalho é uma referência de grande peso no meio teatral da Lusofonia e dos países PALOP. Obrigado senhor Rogério da Silva Ferreira de Carvalho, tenho uma gratidão imensa!

O dia tinha sido
longo. Exhaustivo.

Tinha sido um dia produtivo, de descoberta e de entendimento. Entendimento dos processos do dizer. Da voz. Do habitar nos espaços entre os espaços, na mudança das vozes da memória do presente e do passado. Do dizer com a voz do passado o momento actual.

Eu estava cheio, quando terminamos o ensaio. Cheio de um novo mundo que se despertava dentro de mim. Foi descoberto a ferro e fogo. Porque sou teimoso.

Sentamo-nos à volta do Rogério e ele começou a falar.

“Habitamos de forma constante um universo de vozes. Somos bombardeados por contínuas vozes. Vozes que gritam, sussurram, choram, acariciam, ameaçam, imploram, seduzem, ordenam, rogam, rezam, confessam, aterrorizam, declaram... Mas as palavras falam quando as enfrentamos, nas tonalidades infinitas da voz, ao veicularmos significados.

Nem todas as vozes se ouvem, mesmo as mais angustiantes e desesperadas podem ser vozes não ouvidas. Pode ser que no silêncio apareça uma outra voz mais premente, a voz interna, uma voz que não se pode fazer calar.”

Quando ele terminou, tudo fazia mais sentido para mim.

O Rogério é parte dos espectáculos que cria. É ele. Carne, osso, músculos, nervos, unhas, memória, gestos, verdade e mentira.

Obrigado por me mostrares o Teatro, Rogério. Vejo-o com os meus olhos influenciados pelos teus.

Rogério,

Não sei precisar quando RETICÊNCIAS
Talvez tenha sido pouco depois de
começarmos a trabalhar juntos RETICÊNCIAS
Que belo prenúncio este VÍRGULA iniciar
uma companhia de teatro VÍRGULA o Teatro
GRIOT VÍRGULA com uma encenação do raro e
inusitado Rogério de Carvalho RETICÊNCIAS
Dei por mim a transitar entre tempos
VÍRGULA a acumular séculos de palavras
VÍRGULA de gestos VÍRGULA de imobilidades
VÍRGULA infinitos de silêncios VÍRGULA
AINDA MAIS FORTE a descobrir o verbo na
fala e a minuciosa organização estética
dos sons PONTO UM PASSO EM FRENTE Passei
a ser a actriz que põe a vida toda na fala
PEQUENÍSSIMA SUSPENSÃO ou toda a fala na
vida PONTO Até então não sabia o que isso
era PONTO FINAL PARÁGRAFO FECHOU
Aqui chegados temos muitas gargalhadas
amontoadas com choros e gritos PONTO

PAUSA

Querido Rogério DOIS PONTOS
SEM PONTUAÇÃO Consigo o meu mundo abriu-
se e nunca nunca mais vai parar
Inclino-me ABRE PARÊNTESES CURVO sei
o tanto que aprecia os gestos solenes
e intemporais VÍRGULA eu também FECHA
PARÊNTESES CURVO DOIS PONTOS
Obrigada PONTO.



64

65

Zia Soares
Teatro GRIOT

Design e Paginação Neusa Trovoada
Foto de capa Pauliana Valente Pimentel
Produção Teatro GRIOT

Brochura de dedicatórias oferecida
ao encenador Rogério de Carvalho no dia
28 de janeiro de 2024 no Centro das Artes
do Espectáculo de Sever do Vouga, no
âmbito da Homenagem a Rogério de Carvalho,
coorganizada pelo Teatro GRIOT e CAE Sever
do Vouga/ CM Sever do Vouga

©Teatro GRIOT 2024

ROOGE

FE

AND

